

VERBOS DE EVENTO COMERCIAL: Uma Abordagem Funcionalista-Cognitivista

Alexandre Batista da Silva¹

Resumo

Neste artigo apresentamos o resultado de uma pesquisa de base funcionalista-cognitivista construída com verbos de evento comercial, tais como *comprar*, *vender*, *pagar* em textos orais e escritos de língua portuguesa brasileira. O objetivo é descrever a valência desses verbos e determinar o número de argumentos logicamente relacionados ao sentido ao seu sentido, uma vez que não há consenso entre os gramáticos a esse respeito. A discussão deste artigo se filia a uma discussão maior dos estudos linguísticos no concernente a distinção dos termos argumentais e não argumentais de uma oração.

Palavras-chave: Valência verbal. Semântica dos Frames. Verbos de Evento Comercial.

COMMERCIAL EVENT VERBS: A Functionalist-Cognitivist Approach

Abstract

This article presented a result of a functionalist-cognitivist base survey constructed with commercial event verbs such as buy, sell, pay in oral texts and Portuguese-language written texts. The purpose is to describe the valence of these verbs and to determine the number of arguments logically related to meaning to its meaning, since there is no consensus among grammarians in this regard. The discussion of this article is based on a greater discussion of linguistic studies concerning the distinction between the argumentative and non-argumentative terms of a sentence.

Keywords: Verbal Valencia. Semantics of Frames. Business Event Verbs.

¹Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

Neste artigo, observaremos a valência dos verbos de evento comercial, tal como *comprar*, *vender*, *pagar*. O objetivo é discutir o número de argumentos logicamente relacionados ao sentido desses verbos, uma vez que não há consenso entre os gramáticos a respeito de sua estrutura argumental. A discussão deste artigo se filia à discussão maior da descrição linguística no concernente à distinção dos termos argumentais e não argumentais de uma oração.

A valência estabelece o número de argumentos logicamente relacionados a um verbo. Ela é, entretanto, menos uma questão de forma gramatical e está mais associada às estruturas de conhecimento de mundo armazenado na memória do falante. Embora os estudos dessa natureza permeiem os estudos linguísticos há anos, ainda hoje existem imprecisões na classificação de alguns verbos quanto à sua predicação. Em diferentes gramáticas da Língua Portuguesa, há categorizações diferentes para um mesmo verbo ou análises divergentes quanto ao número de argumentos selecionados por ele. Uma estrutura com todos os constituintes atribuídos à valência de um verbo de evento comercial é apresentada por Ilari e Basso (2014) como se vê no exemplo (1)

(1) O antigo proprietário (A) **vendeu** a casa (B) a um árabe (C) por 800 mil reais (D).

Segundo se pode ver na oração acima, ao verbo *vender* estão atrelados quatro constituintes (identificados com uma letra) que informam os diferentes elementos envolvidos numa transação comercial, que será descrita mais adiante. A estrutura apresentada em (1), entretanto, não foi encontrada nos dados selecionados neste artigo. Observou-se que a estrutura mais frequente é a apresentada em (2) que exemplificam os verbos em foco neste artigo.

- (2) a.[Petrobrás] não **compraria** [Pasadena] hoje, diz Graça Foster à CPI
b....quando [minha mãe]**vendeu**[a casa]. (Inf.03.Conc)

(Link: <http://www.gazetaesportiva.net/noticia/2014/06/copa-2014-brasil/iugoslavos-nao-pagaram-hotel-e-tiveram-craque-de-saias-em-1950.html>)

c. [Iugoslavos] não **pagaram** [hotel] e tiveram "craque de saias" em 1950.

(Link: <http://www.dihitt.com/barra/petrobras-nao-compraria-pasadena-hoje-diz-graca-foster-a-cpi>)

As orações de (2) podem ser consideradas bem formadas mesmo não apresentando as informações codificadas nos elementos (C) e (D) no exemplo (1). Entretanto, nossa intuição aponta que esse apagamento é diferente da elipse comum tão presente nos textos orais e escritos do português, cujo elemento apagado é recuperado no fluxo do texto nem tampouco se trata de um termo circunstancial comum adjungido à oração por determinação discursivo-pragmática. Nossa hipótese é que não se trata de elipse de um termo argumental, mas de um termo circunstancial, sempre presente na construção da qual participa esses verbos, mas nem sempre presente no nível da frase. Esses termos circunstanciais só podem ser recuperados de modo mais definido ou menos definido em relação ao evento. E aí reside sua diferença dos demais termos circunstanciais de tempo e lugar por exemplo.

A presente pesquisa tratar-se-ia, então, da determinação de quais são os elementos ligados ao evento cultural de transação comercial acionado pelos verbos em tela e quais deles compõem a valência do verbo para denotar um estado de coisas no mundo.

A análise dos dados foi feita com base na recente tendência da pesquisa funcionalista (cf. Martelotta e Alonso, 2012; Oliveira, 2012), a qual aproxima a perspectiva funcionalista de análise ao cognitivismo não chomskyano, mais especificamente à Linguística Cognitiva na sua perspectiva construcional na linha dos americanos Goldberg, (1995, 2006) e das pesquisadoras brasileiras Miranda e Salomão (2009). Ampliaremos esse diálogo acrescentando a perspectiva teórica da Semântica dos *Frames*, de Fillmore (1977,1979,1982). O *corpus* analisado foi constituído a partir da base de dados do projeto Concordância da UFRJ e no site de

busca Google. Foram analisadas 266 ocorrências do verbo comprar, 276 do verbo vender e 252 do verbo pagar, totalizando 794 ocorrências.

Os Verbos de Evento Comercial

Nesta seção, discutiremos a valência verbal, de modo geral, e mais especificamente, a valência dos verbos de evento comercial, apresentando os principais problemas relacionados ao seu escopo. A lógica de análise que se afasta da bipartição tradicional da oração em sujeito e predicado estabelece um elemento central, denominado predicador, que projeta ou seleciona os constituintes da oração. No bojo dessa abordagem, estão as questões que envolvem a valência do verbo², ou seja, a propriedade que o caracteriza como item lexical e determina o número de constituintes ligados logicamente ao verbo.

Entretanto, os autores que se filiam a essa abordagem divergem quanto ao número de argumentos que um verbo pode selecionar. Alguns deles limitam essa seleção a três argumentos (cf. CYRINO, NUNES & PAGOTTO, 2009; Mateus e colegas, 2010, entre outros) e outros, mesmo admitindo que são mais raros, apontam verbos que selecionam quatro argumentos (ILARI e BASSO, 2014, Duarte, 2009). Essa imprecisão atinge os verbos de evento comercial, que são apresentados como verbos de dois, três ou quatro argumentos. Essa indefinição, geralmente atribuída à anfibologia contextual, suscita a necessidade de estudos que descrevam melhor a valência desses verbos.

Além do número de argumentos, o significado dos verbos também determina a natureza desses argumentos. No caso dos verbos de Evento Comercial, um dos argumentos associados a eles devem, por exemplo, ser um argumento com traço [+humano], para assumir os papéis de *comprador*, *vendedor*, *pagador* atribuído pelo verbo. Essa atribuição é conhecida como subcategorização, termo utilizado para indicar as propriedades que os sintagmas logicamente ligados aos verbos precisam apresentar. Como se viu no exemplo (1), os elementos normalmente associados aos verbos comprar, vender e pagar são um comprador, vendedor, pagador; um objeto a

²Não trataremos aqui dos predicadores nominais, pois estes gozam de estabilidade quanto ao número de argumentos selecionados, propriedade foco dessa dissertação.

ser comprado, vendido, pago; um valor e um vendedor, comprador recebedor/credor.

Ocorre que estes elementos não aparecem todos articulados a estes verbos para denotar um estado de coisas no mundo. Ou seja, temos orações gramaticais sem a presença, sobretudo, dos dois últimos constituintes. Essas diferentes possibilidades de uso desses verbos em contextos diversos têm levado alguns teóricos a determinar número diferente de argumentos associados a estes verbos. O conseqüente resultado dessa imprecisão é que um mesmo constituinte pode ser considerado argumental para um autor e não argumental para outro. Para melhor descrever esse problema, nas subseções seguintes, discutiremos brevemente a teoria da Semântica dos Frames e na sequência apresentaremos sua relação com a abordagem construcional.

A Semântica Dos Frames

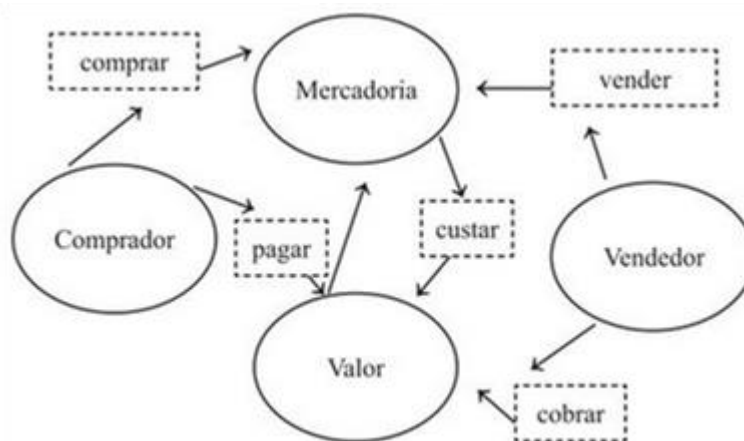
O termo *frame* foi introduzido na Ciência Cognitiva por Marwin Minsky por volta de 1972, em suas primeiras formulações sobre Inteligência Artificial. Um pouco mais tarde, no ano de 1977, Charles Fillmore introduziu o termo na linguística. Em 1992, Fillmore refina sua teoria, apresentando o termo *frame* com um conceito que diz respeito à organização dos conhecimentos adquiridos pelas pessoas ao longo de sua experiência no mundo.

Atualmente, a *semântica dos frames* alude a diferentes abordagens para descrição sistemática de significados da linguagem natural. Apesar de apresentarem diferenças em determinados pontos, todas elas trazem em comum a tese de que os significados são relativizados a cenas, estruturas de conhecimento culturalmente construídas e partilhadas pelos indivíduos. Embora isso não seja suficiente para distinguir a *semântica dos frames* de outras abordagens de descrição semântica, essa tese traz respeitável mudança no tratamento dos itens linguísticos, pois amplia a discussão da visão composicional do significado vigente até então.

Segundo a teoria, o significado de uma palavra tem uma estrutura interna que é determinada em relação a um quadro de fundo ou uma cena. O significado está relacionado ao enquadramento que se pode fazer dessa cena. Há, por exemplo, a

cena de transação comercial³ que inclui os chamados elementos de *frame* como se pode ver no diagrama posto abaixo, retirado de Ferrari (2011).

Figura 1. Relações entre participantes do frame do Evento Comercial



Fonte: Ferrari (2011)

Como se pode ver, a cena de transação comercial envolve os elementos comprador, vendedor, mercadoria e valor. Esses elementos são, pois, constituintes de *frame* partilhado por uma comunidade. Os verbos *comprar*, *vender*, *pagar*, *cobrar*, *custar* acionam este *frame* perfilando, entretanto, elementos de *frame* diferentes. O verbo *comprar*, por exemplo, põe em proeminência o comprador e a mercadoria e põe em segundo plano um vendedor (recedor no enquadramento desse verbo) e um valor. Verbos com significados relacionados, tais como *vender*, *comprar*, *custar*, *cobrar*, apresentam os mesmos componentes, mas perfilando elementos de *frame* da cena.

O interessante é saber que a seleção de um dos verbos em tela em detrimento de outro denota que o falante está tomando perspectiva diferente da mesma cena de transação comercial. Além disso, a cena constitui uma estrutura ordenada e a própria cena *transação comercial* é parte de uma cena mais abstrata de transferência de posse, prototipicamente expressada pelo verbo *dar* bitransitivo. Isto indica a existência de um sistema de dependências entre as cenas e que esta dependência forma um sistema com uma estrutura hierárquica

³Na verdade, o exemplo é de Fillmore (1995), mas também usaremos aqui por ser particularmente importante para nosso estudo.

complexa. É possível, a partir disso, representar a relação entre sintaxe e semântica. Aqui se estabelece uma relação entre a Semântica dos *Frames* e Construções Gramaticais, a qual será discutida na próxima seção.

Frames e Construções Gramaticais: Diálogos Possíveis

A principal postulação da pesquisa de Goldberg (1995) é que as sentenças são instanciações de construções, que são *esquemas genéricos* de associação de forma e um significado independente de verbos específicos. Dessa tese, assente a proposição de que o significado está na própria construção. Como não é nosso objetivo explicar exhaustivamente a abordagem construcional de Goldberg, cabe dizer que a autora apresenta cinco tipos de construções do inglês, instanciadas na forma de sentenças básicas.

Para a autora, as construções correspondem a sentenças básicas as quais codificam eventos básicos na experiência humana. A construção que interessa para nossa investigação é a que estabelece uma transferência, em outras palavras, que apresentam o esquema '*alguém transfere algo a alguém*'. Os papéis desempenhados pelos participantes desses eventos vão corresponder aos papéis argumentais das construções. Os verbos de evento comercial podem ser associados a essa construção bitransitiva, como se pode ver na estrutura plena apresentada por Ilari e Basso no exemplo (1)

O interessante é observar que, na prática linguística do português, o exemplo (1) não é frequentemente encontrado e ainda assim as orações que instanciam a construção são gramaticais como se viu no exemplo de (2). A assunção do conceito de construção gramatical permite a compreensão de que os diferentes usos dos verbos de evento comercial são devido à sua integração a construção bitransitiva que tem um significado próprio e possibilita a compreensão da oração. Como essa construção combina com *frame* de transação comercial, a articulação entre a abordagem construcional e Semântica de Frames pode explicar a gramaticalidade das orações sem todos os elementos da construção e a distinguir, pela frequência de uso, os constituintes argumentais e não argumentais da sentença. Na seção seguinte, analisaremos os dados a partir dessa articulação sugerida nesta seção.

O que dizem os dados?

Até aqui procuramos demonstrar que é possível articular a Semântica de Frames à abordagem construcional a favor da descrição dos itens argumentais e não argumentais. A análise mais miúda das ocorrências dos três verbos de evento comercial demonstrou que a ocorrência de uma estrutura plena, com esses verbos aparecendo com todos os constituintes da cena de transação comercial, não é fácil de se encontrar na prática da língua portuguesa.

Os dados pesquisados puderam ser distribuídos segundo a tabela abaixo.

Tabela 1. Elementos de frame

Verbo (total)	Quatro elementos de frame	Três elementos de frame	dois elementos de frame	um elementos de frame
Vender (276)	0%	9%	76%	15%
Comprar (266)	0%	7,5%	73%	19%
Pagar (252)	0%	5%	81%	14%

Fonte: Dados da pesquisa do autor

A distribuição acima merece uma explicação. Elemento de frame é, como se disse acima, o nome dado por Fillmore a cada um dos elementos que constituem um *frame*. O *frame* de transação comercial é constituído de quatro elementos (um vendedor, um comprador, uma mercadoria, o valor). Assim, a primeira coluna da tabela acima representa a ocorrência do verbo com todos esses elementos. Na seguinte sequência, a segunda coluna corresponde a orações sem o elemento “a quem a ação é dirigida”; a terceira coluna, sem os elementos *valor* e a “quem a ação é dirigida”, estrutura mais comum. A quarta coluna corresponde às orações com apenas um elemento, mormente, *aquela que faz a ação*. As ocorrências desses verbos nas suas formas infinitivas sem auxiliaridade não foram incluídas no *corpus*

desta pesquisa. Entretanto, essas formas são interessantes, pois demonstram a força da acionalidade desses verbos, mas como este estudo se encaminha no sentido de distinguir os termos argumentais dos termos não argumentais, abordaremos aqui somente as formas flexionadas que demandam os elementos de *frame*.

Os elementos que compõem uma transação comercial apareceram apenas em contextos comerciais propriamente ditos, mas não necessariamente todos articulados aos verbos de evento comercial, como se pode ver no exemplo (3)

(3) “vamos fazer o seguinte... [eu] **compro**... [as três rosas] [com você]... quanto é que está?” [“vinte mil...”] aí ele... chegou pro garotinho “eu **compro** por quarenta...” “ah não... ah não... assim eu não quero não...” (Inf07Conc)

Em (3), temos uma cena típica de negociação entre um menino que vende flores em bares e um frequentador de um desses ambientes. Podemos ver que todos os elementos do *frame* de transação comercial, demarcados pelos colchetes, estão presentes. Todavia, o elemento que indica valor não está articulado ao verbo *comprar*. O constituinte *com você* tem uma configuração formal e sintática muito semelhante aos termos chamados adjuntos, podendo, inclusive, ser extraído da oração sem alterar o estado de coisas denotado por ela.

Este fato parece evidenciar que os elementos que aparecem mais frequentemente ligados ao verbo, no caso o *comprador* e a *mercadoria*, são termos argumentais, pelo menos é o que sugere a frequência de uso desses verbos com dois elementos, como se vê na terceira coluna da tabela.

Se admitirmos que a frequência de uso indica que os elementos mais frequentemente ligados ao verbo são argumentais, será preciso explicar a possibilidade de ocorrência apontadas na terceira e na última coluna.

A primeira argumentação a favor de nossa tese é a admissão de que a construção com verbos de evento comercial está associada à cena de transação comercial, onde figuram os elementos desse *frame*, partilhado pela comunidade linguística. Assim, a construção bitransitiva pode ser instanciada pelos verbos *comprar*, *vender* e *pagar* perfilando apenas dois elementos da cena (o comprador/vendedor/pagador e a mercadoria) denotando um estado de coisas no mundo suficiente para compreensão do ouvinte ou leitor.

A admissão do que foi dito acima pode esclarecer a possibilidade de apagamento desses elementos argumentais, sobretudo do elemento de *frame* mercadoria, como se pode ver nos exemplos em (4) e (5).

(4) a. “Por que **compramos** [] por impulso |coluna de Gustavo Cerbasi em ÉPOCA que está nas bancas.”

(Link: <https://plus.google.com/+Epoca/posts/jcvQrKLc1ub>)

b. “**Venda** [] como um profissional!”

(Link: <http://contato.mercadolivre.com.br/anuncio/vender-um-produto-1337029479560-000001211>)

c. “57% da população **pagarão** [] à vista no Dia das Mães.”

(Link: <http://www.fecomercioacre.com.br/imprensa/noticias/fecomercioac-57-da-populacao-pagarao-a-vista-no-dia-das-maes/>)

(5) a. Ubisoft diz que jogo é o feito pela empresa que vendeu [] mais rápido. Game traz temática atual e permite a jogador 'hackear' uma cidade ...<http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2014/06/watch-dogs-vende-4-milhoes-de-copias-em-uma-semana.html>

b. Adote, não **compre** [].⁴

(Link: http://www.mensagenscomamor.com/imagens/adote_ao_compre.htm)

c. Já **paguei** [], mas no meu pedido ainda aparece "Aguardando Pagamento". Por quê?

⁴Trata-se de uma propaganda de incentivo à adoção de cachorros abandonados.

(Link: <http://clube.firstplace.com.br/support/articles/29285-j-paguei-mas-no-meu-pedido-ainda-aparece-aguardando-pagamento-por>)

Nos exemplos acima há o pagamento do elemento de *frame mercadoria*. O enunciado permanece gramatical, pois cada um dos verbos presentes nas orações é capaz de acionar a construção bitransitiva e o *frame* de transação comercial e o elemento é facilmente inferido. Vale observar que esse apagamento não acontece do mesmo modo. Os exemplos de (4), podemos admitir que a referência não realizada, representada pelos colchetes vazios, é muito mais genérica que a referência não realizada em (5) que pode ser recuperada no contexto imediato da frase, sendo, portanto, mais definida, pois correspondem a *jogo*, *cachorro* e *pedido*, respectivamente.

Resta ainda uma distinção importante: a distinção do apagamento dos termos mais frequentes daqueles menos frequentes. Esses apagamentos diferem não pelo grau de definição, fator que, como se viu acima, se manifesta no apagamento dos termos argumentais. A diferença parece estar no fato de que esses termos pertencem apenas ao *frame* sendo acionados somente quando o estado de coisa denotado pelo verbo e seus termos argumentais precisam ser especificados. Os dados coletados mostram os seguintes usos desses verbos

(6) a. [Você]me⁵**compra**[uma rosa]...” (Inf07Conc.)

(7) E dentre os que disseram que não comprariam um apartamento menor, [80%] afirmaram que não **comprariam** porque o perfil está fora do procurado, 11% não têm interesse, 5% não comprariam por causa do preço e 4% não comprariam pois não consideram um bom investimento.

(Link: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/noticias/58-dos-moradores-de-sp-comprariam-apartamento-menor>)

O que se em (5) é o verbo comprar com constituintes que denotam completamente um estado de coisas. A ocorrência (6) apresenta o mesmo verbo selecionando dois elementos de *frame*. O objeto comprado apagado não é uma

⁵Esse constituinte da oração corresponde ao chamado dativo livre e não corresponde a nenhum papel no *frame* de transação comercial.

referência com grau alto de indefinição, pois se trata de um anúncio comercial que sugere que o 'nós' ajudaria a comprar *qualquer coisa*. O que se apreende então, é que objeto comprado está indefinidamente presente, uma vez que não se pode determinar o que será comprado e nem é objetivo do anúncio precisar esse objeto.

Compare-se o exemplo (6) ao (7). Em (7), o objeto comprado é apagado, mas recuperado no próprio contexto em que entra a construção com o verbo comprar, pois corresponde a apartamento, já expresso no aposto que apareceu antes. É, portanto, uma referência nula definida. As informações de *quem se compra* e a de *valor* não podem ser encontradas no contexto imediato como se viu em (6), mas apenas pelo conhecimento do *frame* de transação comercial, pois sabemos que *quem compra, compra algo de alguém por algum valor*. Isso igualaria esse tipo de apagamento àquela referência menos definida que abordamos no exemplo (4). A diferença está no fato de que a ausência dos termos não argumentais não altera o estado de coisas denotados pelos verbos de evento comercial que não pode ser sem os termos argumentais.

Considerações Parciais

Os dados apontaram interessantes resultados. O primeiro deles é a regularidade das ocorrências dos verbos de evento comercial. Todos os três verbos se comportam muito semelhantemente na seleção e apagamentos dos elementos do *frame* que acionam. Outra característica é que todos eles apresentam estados de coisas com os mesmos elementos de *frame* comprador/vendedor/pagador e mercadoria, diferindo apenas quando à natureza do elemento atribuída pela especificidade semântica do verbo a que se ligam. Um terceiro resultado, e talvez o mais importante por respondera principal indagação desse artigo, é que a análise da valência dos verbos de evento comercial a partir da teoria da semântica do *frame* apontou que os elementos de quem se compra, a quem se vende ou a quem se paga e o elemento valor, frequentemente apagados nas orações instanciadas, são termos que pertencem ao *frame* de transação comercial e não ao sentido lexical dos verbos em tela.

O presente artigo não esgotou o estudo dos verbos de evento comercial, pois esses ainda suscitam instigantes perguntas sobre a natureza dos argumentos e melhor descrição dos diferentes contextos em que aparecem tais verbos.

Referências

CYRINO, Sonia; NUNES, Jairo; Pagotto, Emílio. **Complementação**. In: Mary A. Kato; Milton do Nascimento (orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença. Vol. 3. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Lilian Vieira. **Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional**. 1999. In Veredas 4: 115-128.

FILLMORE, Charles J. **An alternative to checklist of meaning**: Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, ed. by Cathy Cogen *et al.*, Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975.

_____. **Scenes-and-frames semantics**: In Linguistic Structures Processing, ed. by Antonio Zampolli, Amsterdam and New York: North Holland Publishing Co., 1977.

_____. **Frame semantics**. In: Linguistics in the Morning Calm, ed. by The Linguistic Society of Korea. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.

FURTADO DA CUNHA, M. A; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. New York: Oxford University Press, 2006.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O verbo. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de M. (org.) **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Vol. 2. Classes de palavras e processos de construção. São Paulo: Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

MARTELOTTA, M. E; ALONSO, K. S. **Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua**. In: SOUZA, E. F. R. Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2012. p. 87-106.

MIRA MATEUS, Maria Helena, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e FARIA, Isabel

Hub. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho.1989.

MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). **Construções do português do Brasil**: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. **Tendências Atuais da pesquisa funcionalista**. In: SOUZA, E. F. R. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-1546.

RAPOSO, E. B. P. et al. (org.) **Gramática do Português**. Vols. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Tese de doutorado – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras. – Recife (PE), 2006.